

DESENVOLVIMENTO III ESTUDO

Engenheiro Coelho, Paulínia e Holambra estão entre as cidades com maior alta em 5 anos

População da região cresce mais que a média do Estado

César Rodrigues/AAN



Qualidade de vida e localização em área de impulso à industrialização são atrativos em Engenheiro Coelho

Cecília Polycarpo
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
cecilia.cebalho@rac.com.br

A taxa média de crescimento da população da Região Administrativa de Campinas, que engloba 90 cidades e 6,5 milhões de habitantes, foi 1,21% ao ano de 2010 a 2015, maior que o índice paulista, de 0,87%. O levantamento da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), mostra que a região é a segunda que mais cresceu no Estado, atrás de Ribeirão Preto (1,27%) e seguida de São José dos Campos (1,05%), Santos (1,02%) e Sorocaba (0,96%).

Perfil industrial e grandes rodovias atraem migrantes

Três cidades da Região Metropolitana de Campinas (RMC), bloco composto por 20 municípios, estão entre as sete que mais inflaram em São Paulo, com índice de aumento populacional acima dos 3%: Engenheiro Coelho (3,21%), Paulínia (3,04%) e Holambra (3,02%). Respectivamente, a população dessas cidades é estimada em 15 mil, 95 mil e 11 mil pessoas. Não foi informada a posição delas entre as sete maiores.

Especialista em estudos populacionais consultado pelo **Correio**, José Marcos Pinto da Cunha afirmou que as cidades no eixo das rodovias Anhanguera-Bandeirantes estão entre os destinos mais procurados por migrantes da Capital e de outras regiões do Brasil. A proximidade com São Paulo, o perfil industrial e de negócios e a grande oferta de rodovias e modais de transporte são os principais fatores que atraem cada vez mais pessoas à região.

A cidade de Campinas, no entanto, acompanha a tendência estadual. Apesar de o município apresentar elevado incremento populacional em valores absolutos, resultado de sua grande dimensão, ele apresenta tendência de desaceleração desde a década passada. O índice de crescimento foi de 1,01%, o segundo menor na RMC, a frente apenas de Santa Bárbara d'Oeste (0,52%).

Agora, o Seade irá estudar os motivos do crescimento de certos centros metropolitanos em detrimento de outros do Estado, segundo a pesquisadora Mônica La Porte Teixeira. "A Região Administrativa de Campinas, por exemplo, é um polo econômico que chama bastante atenção e é evidente que continua em expansão. Mas nossa intenção agora é estudar os atrativos de cada cidade."

A região de Campinas segue direção oposta da Grande São Paulo, que vem desacelerando o ritmo de crescimento e apresenta taxa inferior à do Estado, passando de 0,97% ao ano na década de 2000, para 0,78% no último quinquênio. Hoje, a Capital apresenta 26,9% da população do Estado, mas estudo do Seade aponta que em 2050, o índice será de 25,9%.

Campinas
José Marcos Pinto da Cunha, pesquisador do Núcleo de Es-

tudos de População (Nepo) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), explicou que a restrição imobiliária para a população de renda baixa e média é um dos motivos que mais freia o aumento populacional de Campinas. Apesar de a região do Ouro Verde ter tido crescimento importante nos últimos anos, o volume não é o mesmo que o de municípios próximos, como Paulínia. As características de infraestrutura da cidade, combinadas a imóveis com preços mais acessíveis, atraem famílias de classe média. "E agora Paulínia começa também a atrair famílias mais ricas", disse. A mudança do perfil de Paulínia, antes conhecida como uma cidade rica com população de renda média muito inferior a Campinas, é resultado de esforço da administração municipal, avalia o pesquisador.

Cunha disse também que Engenheiro Coelho está no extremo Norte da RMC, onde

existe a tendência de crescimento no Estado. A expansão é impulsionada principalmente pela industrialização. "Além disso, é uma cidade muito pequena, em que qualquer ganho absoluto de habitantes é revertido em um percentual mais alto. A médio prazo, o crescimento do Norte da RMC deve se acelerar ainda mais." A mesma lógica pode ser aplicada a Holambra, segundo ele.

Redução
Cento e quatorze cidades paulistas tiveram taxas negativas de crescimento no período 2010-2015. Flora Rica foi o município com maior decréscimo, de 1,18% ao ano. Registrando taxas superiores a 2%, aparecem 34 municípios. A maior delas foi observada em Bertiooga, com crescimento anual de 3,24%. Outros seis municípios apresentam altas taxas de crescimento, superiores a 3%: Holambra, Paulínia, Taiúva, Itupeva, Engenheiro Coelho e Louveira.

Municípios se tornam foco de novos condomínios

A chefe do Departamento de Engenharia de Holambra, Elisa Pennings, afirmou que a cidade está repleta de novos loteamentos residenciais. O fato de o município ser relativamente novo — foi emancipado em 1991 — é um dos motivos para o crescimento. "Além disso, Holambra tem uma renda média boa, e investimentos em infraestrutura e qualidade de vida", falou. Uma das questões presentes no Plano Diretor que será aprovado neste ano será o crescimento ordenado da cidade, segundo Elisa. Com economia centrada principalmente no cultivo e comércio de flores, Holambra apresenta indicadores razoáveis de qualidade de vida, mas ainda deixa a desejar em serviços básicos, como rede de água e esgoto. "Estamos com um projeto grande para refazer toda rede de esgoto da cidade, que era muito antiga e nunca tinha

recebido manutenção", disse a engenheira. A readequação da rede é essencial também para o turismo no local. Já Paulínia teve pelo menos 15 empreendimentos imobiliários aprovados na região Sul, próxima ao distrito de Barão Geraldo, segundo a Prefeitura, em cinco anos. No mesmo período, a cidade criou 5 mil novas moradias. Conhecida por ser um polo petroquímico nacionalmente importante, o município tem incrementado setores como o turismo de negócios e ofertas de espetáculos culturais. Além de empresas de combustível, Paulínia tem empresas como a Rhodia, Braskem, Heringer, Syngenta e International Paper. A reportagem tentou contato com a Prefeitura de Engenheiro Coelho ontem, mas não conseguiu contato com ninguém, pois era aniversário da cidade. (CP/AAN)

Editoria de Arte/AAN

SAIBA MAIS

Taxa média de crescimento anual das cidades da RMC

Americana	1,19%
Artur Nogueira	2,10%
Campinas	1,01%
Cosmópolis	2,17%
Engenheiro Coelho	3,21%
Holambra	3,02%
Hortolândia	1,94%
Indaiatuba	2,36%
Itatiba	1,73%
Jaguariúna	2,67%
Monte Mor	2,14%
Morungaba	1,30%
Nova Odessa	1,43%
Paulínia	3,04%
Pedreira	1,3%
Santa Bárbara d'Oeste	0,52%
Santo Antônio de Posse	1,11%
Sumaré	1,81%
Valinhos	1,98%
Vinhedo	2,28%

SAÚDE III EMERGÊNCIA

Unicamp prorroga suspensão de novas internações

Apesar de pequena redução na procura, medida é adotada para evitar superlotação registrada na semana passada

Eric Rocha
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
eric.rocha@rac.com.br

O Hospital de Clínicas (HC) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) informou ontem que já é menor a superlotação por conta do alto número de casos de crianças que apresentam doenças respiratórias graves, mas decidiu manter até amanhã a suspensão de novas internações. A medida foi anunciada na quarta-feira da semana passada e prorrogada no último domingo. A demanda é a maior em 30 anos.

Segundo o hospital, há 10 leitos ocupados na unidade de terapia intensiva (UTI) pediátrica e outros seis onde o tratamento é semi-intensivo (enfermaria pediátrica). Além deles, duas crianças, que precisavam de respiração artificial estavam ontem à tarde acomodadas em leitos intensivos improvisados. Na semana passada, havia cinco crianças alojadas nesses espaços. O HC precisou alugar, em caráter emer-

gencial, 11 equipamentos de ventilação mecânica para dar suporte aos pacientes. A unidade tem 117 respiradores, mas eles estavam em uso por outras pessoas ou passavam por manutenção técnica.

A continuidade da suspensão por 24 horas tem por objetivo evitar que a situação volte a ser a mesma registrada na quarta-feira. A assessoria de imprensa do hospital informou que a medida vale tanto para internações encaminhadas pela rede de transferências de vagas quanto para a procura espontânea.

A incidência de vírus que causam doenças respiratórias é tradicionalmente maior no período compreendido entre o início do Outono, Inverno e começo da Primavera. A demanda no HC, no entanto, foi a maior em 30 anos e estrutura física e o número de equipes não foram suficientes para dar conta. "É comum nesta época do ano o aumento de pacientes, mas este superou. Normalmente temos 20% ou 30% a mais que a capacidade



Demanda registrada nestes dias no HC da Unicamp foi a maior dos últimos 30 anos, segundo a unidade

da UTI, mas neste ano chegou a 100%", disse na semana passada o coordenador da Emergência Pediátrica, Marcelo

Reis. O hospital orientou que população procurasse outras opções na região, como Hospital de Sumaré, Celso Pierra e

Mário Gatti.

Outros hospitais
A situação no Hospital Celso

Pierro também era um pouco melhor ontem. Um balanço divulgado pela unidade apontou que havia 57 pessoas internadas nos prontos-socorros adulto e infantil, quando a capacidade é de 20 leitos. Dezoito ainda estavam no corredor e quatro estavam entubados. Na última segunda-feira, eram 62 pacientes internados, com 22 acomodados nos corredores. A UTI pediátrica continua lotada: todas as cinco vagas destinadas às crianças seguiam ocupadas.

A Secretaria de Saúde informou que todas as 16 vagas de tratamento intensivo infantil oferecidas no Hospital Mário Gatti estavam preenchidas. Outras 19 crianças estavam em observação na enfermaria. Segundo a Prefeitura, quem precisava usar o pronto-socorro ontem no final da tarde gastava cerca de 40 minutos até ser atendido pelo médico. Na última segunda, pacientes relataram à reportagem uma demora de cerca de dez horas — a Secretaria de Saúde disse que ela era em média de quatro horas.